

Mercado de Seguros Brasileiro: Um retrato do 1º semestre de 1997

Francisco Galiza

No primeiro semestre de 1997, o fato político mais relevante no mercado de seguros brasileiro foi a apresentação da proposta de regulamentação do artigo 192 (relativo ao Sistema Financeiro Nacional). Neste sentido, os tópicos mais discutidos deste projeto, referentes à área de seguros, são:

- . Extinção do CNSP e do CMN, com a criação de um conselho único, denominado CFN.
- . Desmembramento da SUSEP, com a criação da SUPREV (passando esta a ser responsável pela previdência privada aberta).
- . As empresas que, com ou sem fim lucrativo, tenham por objeto a administração de saúde ou a prestação de serviços médicos, odontológicos ou hospitalares, são niveladas às instituições de seguro-saúde.
- . A fiscalização e a autorização do corretor poderá ser exercida por entidade representativa da profissão.
- . O estabelecimento da figura do auditor atuarial.
- . A criação do fundo de garantia das operações de seguros.
- . As parcelas dos prêmios ou das contribuições de seguros de vida individual, previdência privada aberta ou de capitalização são destinadas à formação de um fundo, sendo garantido ao segurado, em mudança de emprego, a transferência desse fundo para um outro plano empresarial.
- . As instituições de capitalização e de previdência privada não poderão auferir rendimentos sobre ganhos de capital, na aplicação dos recursos obtidos com as reservas matemáticas dos fundos formados com as contribuições dos segurados.
- . O fim do regime de direção fiscal nas empresas de seguros.

Além deste evento extraordinário, específico do semestre, assinalamos também alguns aspectos já comentados pelo setor em exercícios anteriores. Dentre eles, temos:

- . A continuidade da entrada de empresas estrangeiras.
- . A discussão sobre a privatização dos seguros de acidentes de trabalho.
- . A reforma da previdência.
- . Uma maior especialização das empresas de seguros.
- . Fusões ou mesmo insolvências de algumas companhias, típicas de um momento de ajuste.

Por fim, avaliamos quantitativamente outros fatos relevantes ocorridos neste mesmo período, como vemos a seguir.

a) Estabilização na taxa de crescimento do setor

Após o Plano Real - como é de conhecimento de todos que trabalham na área -, o mercado de seguros teve um crescimento extraordinário. Entretanto, os efeitos dos resultados deste plano, no setor, parece que está se atenuando. A tabela 1 ressalta este ponto. De 1994 a 1995, o faturamento cresceu 54%; de 1995 a 1996, 26%; de 1996 a 1997, 10%.

O maior exemplo de enfraquecimento é o do faturamento das empresas de capitalização. Após uma variação de 544%, de 1994 a 1996, a tendência projetada é de uma pequena queda para 1997, em relação ao ano anterior.

Tudo indica que, a não ser que haja fatos extraordinários ao mercado - por exemplo, reforma da previdência ou a privatização dos seguros de acidentes de trabalho -, tal cenário de estabilização deve se manter.

TABELA 1

COMPARATIVO DE FATURAMENTO

R\$ bilhões

	Faturamento das Empresas *			Total
	Seguradoras	Previdência	Capitalização	
1994	10,04	0,48	0,89	11,41
1995	14,32	0,86	2,41	17,59
1996	15,32	1,18	5,73	22,23
1997e**	17,51e	1,55e	5,43e	24,48e

* Seguradoras: Prêmios Auferidos; Previdência: Receita de Planos; Capitalização: Receita de Prêmios

** e = estimado para 1997,
Faturamento 1º semestre x 2

b) Aumento na oferta de serviços

Ao contrário do faturamento, que dá sinais de estabilidade, a oferta de produtos de seguros tem mostrado sinais claros de crescimento (principalmente em produtos de previdência e de capitalização). Pela tabela 2, e para citar um exemplo, observamos que, em 1993, somente 7 grupos empresariais operavam em previdência. No primeiro semestre de 1997, este número salta para 31, um aumento de 120%.

Para os próximos anos, o prognóstico é que este movimento continue, principalmente pelo fato de as empresas de seguros estarem, cada vez mais, interessadas em a oferecer uma gama variada de produtos (seguros, previdência e capitalização), atingindo todas as possibilidades do setor.

TABELA 2
QUANTIDADE DE GRUPOS

	Grupos com faturamento mínimo *			Total
	Seguradoras	Previdência	Capitalização	
1993	88	14	7	109
1994	90	21	7	118
1995	87	26	9	122
1996	89	29	12	130
1o sem./97	91	31	13	135

* Considerados apenas os grupos com faturamento > R\$100mil/ano

c) Reversão na concentração do faturamento deste mercado

Uma característica histórica do mercado de seguros brasileiro é o seu nível de concentração¹. Entretanto, como uma consequência direta da própria entrada de novos grupos, o setor está em um processo de desconcentração e de aumento de competitividade, principalmente os de previdência e de capitalização.

Por exemplo, pela tabela 3, em 1993, os cinco maiores grupos do mercado de capitalização concentravam 96% dos prêmios, Hoje, este número é de 81%.

TABELA 3

PARTICIPAÇÃO DOS 5 MAIORES GRUPOS

	Faturamento dos Grupos *		
	Seguradoras	Previdência	Capitalização
1993	50,9	98,0	96,0
1994	55,9	88,5	96,6
1995	50,8	89,0	93,1
1996	48,3	85,5	84,7
1o sem./97	50,5	84,2	81,5

* Seguradoras: Prêmios Auferidos; Previdência: Receita de Planos; Capitalização: Receita de Prêmios

d) Estabilidade nas taxas de crescimento dos ramos vida e saúde

Desde o Plano Real, os seguros de ramos elementares têm perdido espaço para os ramos vida e saúde. Por exemplo, neste período, o ramo Automóvel perdeu quase 10% da sua participação total, enquanto que os ramos vida e saúde, somados, cresceram na mesma intensidade. Observar que, caso consideremos também as empresas de previdência como pertencentes a este grupo, as mudanças seriam ainda mais sensíveis. Na verdade, esta alteração não surpreendeu, pois ela é característica das economias modernas que trabalham com baixas taxas inflacionárias.

Entretanto, com os números do 1º semestre de 1997, revelados na tabela 4, tudo indica que o período de ajustes, relativo à composição dos ramos, já está atingindo os seus limites. Ou seja, os seguros de automóveis já teriam atingido o seu patamar mínimo, dentro do cenário político-econômico atual. Por exemplo, no total do mercado, a sua participação neste último período foi de 31,5%, um pouco acima da participação no exercício de 1996.

¹ Para maiores detalhes, ver GALIZA, Francisco, **A concentração no mercado segurador**, Cadernos de Seguro, Funenseg, Setembro/93.

TABELA 4

Composição dos Prêmios

	Valores em %			
	1994	1995	1996	1997/1o sem.
Automóvel	39,7	35,7	30,4	31,5
Saúde	15,0	15,3	20,0	21,1
Vida	12,6	17,1	18,7	18,3
Riscos Diversos	9,1	8,4	7,1	6,1
Habitacional	4,0	4,9	5,4	5,1
Incêndio	3,6	3,8	4,5	4,3
DPVAT	3,7	3,4	3,6	3,9
Acidentes Pessoais	2,6	3,2	3,0	2,8
Transportes	2,5	2,6	2,3	2,2
Outros	7,2	5,6	5,0	4,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

e) Aumento na sinistralidade da carteira de automóveis

Um aspecto que tem preocupado os profissionais do mercado de seguros foi o aumento das taxas de sinistralidade das companhias como um todo, principalmente no ramo automóveis, que cresceu quase 15% nos últimos 2 anos, como indica a tabela 5.

Ou seja, os efeitos levantados nos itens anteriores se espelham também no nível de risco das empresas de seguros, um fato característico do próprio momento de transição por que passa este mercado. Isto é, com a entrada de novas empresas e o conseqüente acirramento de concorrência, a piora em alguns indicadores de risco e o aumento nas taxas de insolvência foram conseqüências até esperadas.

TABELA 5

Sinistralidade - (Sinistros Retidos/Prêmios Ganhos)

	TOTAL	Automóvel	Vida	Saúde
1995	55,7%	60,7%	45,9%	73,6%
1996	63,4%	68,2%	48,9%	75,5%
1o sem/97	65,5%	73,4%	44,8%	75,7%

f) Ajustes nos indicadores de custos nas seguradoras

Dentro da política de ajustes de custos das empresas de seguros, registramos, nos últimos anos, reflexos nos indicadores econômico-financeiros destas companhias. Por exemplo, as quedas nos indicadores DC/PG e DGA/PG, mostrados na tabela 6. No caso da queda do indicador RF/PG, ela é principalmente decorrente dos efeitos do Plano Real (por alterações substanciais nas taxas de juros e de inflação).

TABELA 6

Indicadores Diversos (Seguradoras com dados agregados)

	DGA/PG	DC/PG	RF/PG	PL/PG*
1995	18,6%	20,7%	17,1%	64,6%
1996	17,3%	19,3%	11,0%	58,1%
1o sem./97 *	17,2%	18,6%	11,0%	49,2%

Obs:

DGA: Despesas Gerais e Administrativas

DC: Despesas de Comercialização

RF: Resultado Financeiro

PG: Prêmios Ganhos

PL: Patrimônio Líquido

* Valor ajustado de semestre para ano

g) Um maior nível de alavancagem

Um fato importante, em termos de risco dos números agregados das empresas de seguros brasileiras, é que o aumento no faturamento não tem sido acompanhado por um aumento proporcional no nível de capital próprio registrado nas Demonstrações Financeiras destas companhias. Por exemplo, observar a última coluna da tabela 6.

Mesmo que, teoricamente, um maior faturamento em uma empresa da área possa ser compatível com um menor nível de capitalização, tal estratégia empresarial, neste momento específico, tem elevado grau de risco, principalmente pela velocidade de alteração - queda do indicador PL/PG* de quase 25% em um ano e meio - e pela elevada competitividade atualmente presenciada neste mercado.

h) Aleatoriedade no perfil das reservas

Como consequência do próprio momento por que passa o mercado financeiro brasileiro - com altos graus de risco e de incerteza nas previsões e nas remunerações dos ativos -, observamos que a preferência das empresas de seguros pelos ativos garantidores das suas reservas tem mudado constantemente.

Por exemplo, pela tabela 7, em 1995, 22% das reservas eram alocadas em imóveis. Porém, neste primeiro semestre, o número baixou para 14%. Do mesmo modo, os títulos públicos passaram de 27% em 1995 para 37% em 1996, retornando ao patamar de 30% nestes primeiros meses de 1997.

TABELA 7

Composição das reservas (valores agregados)

	Renda Fixa	Renda Variável	Imóvel	Títulos Públicos
1995	32,8%	17,5%	22,3%	27,4%
1996	28,7%	16,2%	18,0%	37,1%
1o sem/97	38,8%	16,9%	13,9%	30,4%

i) Manutenção da distribuição geográfica do faturamento

Tal como a distribuição da riqueza no próprio país, observamos na tabela 8 uma concentração dos prêmios de seguros na região sudeste - aproximadamente, 70%, da receita das empresas -, sem sinais claros de alteração. Analogamente, a quantidade dos corretores registrados mantinha uma proporção similar, com 65% dos profissionais localizados nesta mesma região.

TABELA 8

Distribuição geográfica - Prêmios e Quantidade de Corretores

	SP	RJ	MG	RS	PR	BA	PE	SC	Outros	TOTAL
1996	47,6 %	17,5%	6,0%	5,9%	5,4%	3,2%	2,3%	2,5%	9,6%	100,0%
1o sem./97	48,9 %	16,4%	5,8%	5,4%	5,3%	3,7%	2,5%	2,5%	9,3%	100,0%
Corretores/1o sem./97	39,1 %	19,5%	7,1%	7,5%	6,3%	3,3%	2,5%	3,2%	11,4%	100,0%